



SEGUNDA EDIÇÃO  
**FORMAÇÃO EM ESTRATÉGIAS  
DE EMPODERAMENTO  
DE ADOLESCENTES  
E JOVENS EM SITUAÇÃO  
DE VULNERABILIDADE  
SOCIAL - JAVU**

RACKYNELLY ALVES SARMENTO SOARES  
ANDRÉ RIBEIRO DA SILVA  
MARIA FATIMA DE SOUSA  
JITONE LEÔNIDAS SOARES  
ANA VALÉRIA MACHADO MENDONÇA  
(ORGANIZADORES)

2020



MINISTÉRIO DA  
SAÚDE





# Formação em estratégias de empoderamento de adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social – JAVU

2ª Edição

## Ficha Técnica

Esta obra é licenciada nos termos Creative Commons, sendo todos os direitos reservados. É permitida a reprodução, disseminação e utilização desta obra, em parte ou em sua totalidade, desde que citada a fonte.

© 2020

Universidade de Brasília - UnB  
NESP – Núcleo de Saúde Pública

**Coordenação do Curso Técnico-Pedagógica**  
Coordenadora UTICS e Coordenadora do NESP/UnB  
Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Valéria Machado Mendonça

**UEPSF** (Unidade de Estudos de Saúde da Família)

**Coordenadora técnica do curso**  
Prof.<sup>a</sup> Dra. Rackynelly Alves Sarmento Soares

### Docentes e conteudistas

Módulo 1

*Prof Me Doutorando Jitone Leônidas Soares*

Módulo 2

*Prof<sup>a</sup> Dra. Clélia Maria de Sousa Ferreira Parreira*

Módulo 3

*Prof<sup>a</sup> Dra. Silvia Renata Lordello*

Módulo 4

*Prof<sup>a</sup> Ma. Elizabeth Alves de Jesus Prado*

Módulo 5

*Prof<sup>a</sup> Dra. Dais Gonçalves Rocha e Gabriela Fogaça*

Módulo 6

*Prof<sup>a</sup> Dra. Juliane Andrade e*

*Prof<sup>a</sup> Dra. Andréa Leite Ribeiro*

Módulo 7

*Prof<sup>a</sup> Dra. Sheila Giardini Murta*

Módulo 8

*Prof<sup>a</sup> Dra. Marlúcia Ferreira do Carmo e*

*Prof<sup>o</sup> Lucas Alves Bezerra*

Módulo 9

*Prof<sup>o</sup> Dr. Edu Turte Cavadinha*

Módulo 10

*Prof<sup>a</sup> Maíra Gussi de Oliveira, Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Aparecida Gussi e Prof<sup>a</sup> Dra. Maria da Glória Lima*

Topografia Social

*Prof<sup>a</sup> Dra. Rudgy Pinto de Figueiredo e*

*Prof<sup>a</sup> Dra. Vilma de Lurdes Barbosa e Melo*

### Equipe técnica e produção de EaD

Rafael Valentim

Prof. Me. João Paulo Fernandes da Silva

Prof.<sup>a</sup> Dra. Rackynelly Alves Sarmento Soares

### Coordenador de Produção de Educação a Distância

Prof. Me. Doutorando Jitone Leônidas Soares

### Coordenador Pedagógico

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva

### Revisor de Textos

Prof. Flávio Rossi de Oliveira Reis

### Designer Instrucional

Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosana Amaro

### Designer Gráfico

Daniel Alves Tavares

### Web Designer

Gabriel Cavalcanti D'Albuquerque Magalhães

### Ilustrador de EaD

Cristiano Silva Gomes

### Editor 2/3 D

Cristiano Alves de Oliveira





SEGUNDA EDIÇÃO  
**FORMAÇÃO EM ESTRATÉGIAS  
DE EMPODERAMENTO  
DE ADOLESCENTES  
E JOVENS EM SITUAÇÃO  
DE VULNERABILIDADE  
SOCIAL - JAVU**

RACKYNELLY ALVES SARMENTO SOARES  
ANDRÉ RIBEIRO DA SILVA  
MARIA FATIMA DE SOUSA  
JITONE LEÔNIDAS SOARES  
ANA VALÉRIA MACHADO MENDONÇA  
(ORGANIZADORES)

2020

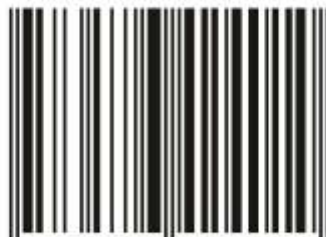


MINISTÉRIO DA  
SAÚDE



ISBN: 978-65-86424-01-0

**CSL**



9 786586 424010

MÓDULO I  
AMBIENTAÇÃO  
EM EAD

6

MÓDULO II  
EDUCAÇÃO  
EM SAÚDE

46

MÓDULO III  
JOVENS E  
ADOLESCENTES  
CONCEITOS  
E DEFINIÇÕES

81

MÓDULO IV  
POLÍTICAS  
PÚBLICAS DE SAÚDE

117

MÓDULO V  
REDES  
DE PROTEÇÃO

158

MÓDULO VI  
VULNERABILIDADE DE  
CRIANÇAS E  
ADOLESCENTES NO  
CONTEXTO ESCOLAR

199

MÓDULO VII  
PREVENÇÃO À  
VIOLÊNCIA NO  
NAMORO ENTRE  
JOVENS

233

MÓDULO VIII  
DIREITOS SEXUAIS  
E REPRODUTIVOS  
DE ADOLESCENTES  
E JOVENS

269

MÓDULO IX  
GÊNERO  
NA ESCOLA

300

MÓDULO X  
PREVENÇÃO AO USO  
DE ÁLCOOL E OUTRAS

332

SOBRE OS  
AUTORES

367



# PREFÁCIO

Este livro foi desenvolvido, especialmente, para o projeto de extensão “Curso de formação em estratégias de empoderamento de adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social”, da Universidade de Brasília, coordenado por pesquisadores do Núcleo de Estudos em Saúde Pública (NESP/CEAM/UnB).

Carinhosamente chamado de Curso JAVU, por entendermos que a violência acontece em ciclos, e entre grupos populacionais específicos, situação que nos remete a expressão francesa *déjà vu* e também por fazer referência aos Jovens e Adolescentes em situação de Vulnerabilidade. O que queremos? Que esse ciclo não mais exista e é nessa direção que caminhamos.

O Curso JAVU foi desenhado para professores de escolas públicas do Brasil. Tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento de uma cultura inclusiva, emancipatória, não discriminatória, de respeito à diversidade e de cultura de paz no contexto escolar, de modo a promover a saúde de adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social.

Para percorrer essa caminhada, organizamos este livro em dez capítulos, ordenados conforme a sequência didática do Curso JAVU em seu Ambiente Virtual de Aprendizagem. Os princípios básicos da promoção da saúde dos adolescentes e jovens são aqui expressos utilizando uma linguagem simples, leve e fluida, adequada a Educação a Distância.

Em todos os capítulos podemos encontrar sugestões de atividades práticas a serem desenvolvidas na escola, todas alinhadas com os conceitos da Promoção da saúde e objetivando fortalecer as redes de proteção pertinentes aos jovens e adolescentes. A ideia é potencializar a escola como um espaço promotor de saúde.

Finalmente, demonstramos nossa gratidão aos professores do Brasil que participaram/participam do nosso curso, os quais possibilitaram a capilarização de ações promotoras de saúde no âmbito escolar, contribuindo para a prevenção das situações de risco dos adolescentes e jovens, sobretudo, entre aqueles inseridos em situação de vulnerabilidade.

Os organizadores



MÓDULO VI

**VULNERABILIDADE DE  
CRIANÇAS E  
ADOLESCENTES NO  
CONTEXTO ESCOLAR**

JULIANE ANDRADE  
E  
ANDRÉA LEITE RIBEIRO

2020



## Módulo VI

Vulnerabilidades de Crianças e Adolescentes no Contexto Escolar

### Ficha Técnica

Esta obra é licenciada nos termos Creative Commons, sendo todos os direitos reservados. É permitida a reprodução, disseminação e utilização desta obra, em parte ou em sua totalidade, desde que citada a fonte.

© 2020

Universidade de Brasília - UnB  
NESP – Núcleo de Saúde Pública

**Coordenação do Curso Técnico-Pedagógica**  
Coordenadora UTICS e Coordenadora do NESP/UnB  
Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Valéria Machado Mendonça

**UEPSF** (Unidade de Estudos de Saúde da Família)

**Coordenadora técnica do curso**  
Prof.<sup>a</sup> Dra. Rackynelly Alves Sarmento Soares

#### Docentes e conteudistas

Módulo 1

*Prof Me Doutorando Jitone Leônidas Soares*

Módulo 2

*Prof.<sup>a</sup> Dra. Clélia Maria de Sousa Ferreira Parreira*

Módulo 3

*Prof.<sup>a</sup> Dra. Silvia Renata Lordello*

Módulo 4

*Prof.<sup>a</sup> Ma. Elizabeth Alves de Jesus Prado*

Módulo 5

*Prof.<sup>a</sup> Dra. Dais Gonçalves Rocha e Gabriela Fogaça*

Módulo 6

*Prof.<sup>a</sup> Dra. Juliane Andrade e*

*Prof.<sup>a</sup> Dra. Andréa Leite Ribeiro*

Módulo 7

*Prof.<sup>a</sup> Dra. Sheila Giardini Murta*

Módulo 8

*Prof.<sup>a</sup> Dra. Marlúcia Ferreira do Carmo e*

*Prof.<sup>o</sup> Lucas Alves Bezerra*

Módulo 9

*Prof.<sup>o</sup> Dr. Edu Turte Cavadinha*

Módulo 10

*Prof.<sup>a</sup> Maíra Gussi de Oliveira, Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Aparecida Gussi e Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria da Glória Lima*

Topografia Social

*Prof.<sup>a</sup> Dra. Rudgy Pinto de Figueiredo e*

*Prof.<sup>a</sup> Dra. Vilma de Lurdes Barbosa e Melo*

#### Equipe técnica e produção de EaD

Rafael Valentim

Prof. Me. João Paulo Fernandes da Silva

Prof.<sup>a</sup> Dra. Rackynelly Alves Sarmento Soares

#### Coordenador de Produção de Educação a Distância

Prof. Me. Doutorando Jitone Leônidas Soares

#### Coordenador Pedagógico

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva

#### Revisor de Textos

Prof. Flávio Rossi de Oliveira Reis

#### Designer Instrucional

Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosana Amaro

#### Designer Gráfico

Daniel Alves Tavares

#### Web Designer

Gabriel Cavalcanti D'Albuquerque Magalhães

#### Ilustrador de EaD

Cristiano Silva Gomes

#### Editor 2/3 D

Cristiano Alves de Oliveira







MÓDULO VI

**VULNERABILIDADE DE  
CRIANÇAS E  
ADOLESCENTES NO  
CONTEXTO ESCOLAR**

JULIANE ANDRADE

E

ANDRÉA LEITE RIBEIRO

CARGA HORÁRIA: 15 HORAS

2020



SOBRE AS AUTORAS  
JULIANE ANDRADE  
E ANDRÉA LEITE RIBEIRO

7

1. APRESENTAÇÃO  
DO MÓDULO

8

2. OBJETIVO  
GERAL

9

3. O CONCEITO DE  
VULNERABILIDADE  
E AS DIMENSÕES:  
INDIVIDUAL, SOCIAL  
E PROGRAMÁTICA

13

4. COMPREENSÃO DAS  
VULNERABILIDADES DE  
ADOLESCENTES E JOVENS

18

5. AS DIFERENTES  
VULNERABILIDADES  
E POSSÍVEIS AÇÕES  
QUE PODEM SER REALIZADAS  
NO CONTEXTO ESCOLAR PARA  
SEU ENFRENTAMENTO

22

6. CONSIDERAÇÕES  
FINAIS

25

REFERÊNCIAS

27

AVALIAÇÃO TEÓRICA  
DO MÓDULO

30

ATIVIDADE PARA  
O FÓRUM

33







## SOBRE AS AUTORAS

# JULIANE ANDRADE E ANDRÉA LEITE RIBEIRO

**J**uliane Andrade, Doutora pela UNESP Botucatu e docente do Departamento de Enfermagem da UNB-DR. Brasília-DF, Brasil.  
E-mail: [juliane.andrade@unb.br](mailto:juliane.andrade@unb.br).



205

**A**ndréa Leite Ribeiro, Assistente Social, Doutora em Bioética pela Universidade de Brasília. Brasília-DF, Brasil.  
E-mail: [aleite1104@gmail.com](mailto:aleite1104@gmail.com).





# I. VULNERABILIDADES DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO CONTEXTO ESCOLAR

206

Prezado professor, seja bem-vindo ao **Módulo VI - Vulnerabilidades de Crianças e Adolescentes no Contexto Escolar**.

O objetivo deste módulo é promover a reflexão sobre as vulnerabilidades de crianças e adolescentes, com o foco em conceituar este referencial, favorecer a compreensão deles e apresentar as diferentes vulnerabilidades.





## 2. OBJETIVO GERAL



Promover a reflexão sobre as vulnerabilidades de crianças e adolescentes.

### Objetivos Específicos



Conceituar o referencial de vulnerabilidade;

Favorecer a compreensão das vulnerabilidades de adolescentes e jovens; e

Apresentar as diferentes vulnerabilidades, além de propor possíveis ações que podem ser realizadas no contexto escolar para seu enfrentamento.

207

**CARGA HORÁRIA: 15 H/A**



Atenção



Acesse o link para assistir o vídeo:

[Educação em Territórios de alta vulnerabilidade social](#) (CENPEC, 2014).





Professor, o tema das vulnerabilidades tem sido discutido amplamente e apresentado como um desafio para escolas e comunidades, especialmente relacionadas a violências, uso e abuso de drogas e promoção da saúde de crianças e adolescentes em ambiente escolar. O tema relacionado, especificamente, a questões dos usos de drogas estão disponíveis no **Módulo X - Prevenção ao Uso de álcool e outras drogas**.



Considera-se que a escola é um local privilegiado para o desenvolvimento de competências e habilidades psicossociais apontadas como essenciais para o desenvolvimento do ser humano e que são protetivas de situações de vulnerabilidades. Assim, é na escola que as crianças e adolescentes mais desenvolvem competências protetivas para os fatores que incidem em situações de risco para eles.

208

Dessa forma, reconhecendo os fatores de risco, os de proteção e as vulnerabilidades associadas a eles, profissionais que atuam em escolas podem construir possibilidades para a promoção da saúde e proteção do escolar, sendo o conceito teórico apenas um ponto de partida para a ação prática.

Reconhecer fatores que podem influenciar a vida dos jovens é de grande importância, pois sabe-se que a adolescência é um período da vida em que se processa a estabilização da personalidade e que a vulnerabilidade para o envolvimento a situações de risco é mais presente. Apesar de aqui trabalharmos com o termo vulnerabilidade/ pessoa vulnerável nas

dimensões individual, social e programática (que será tratado mais adiante), avaliamos ser importante fazer a separação entre vulnerado e vulnerável.

Em primeiro lugar, vulnerado é um termo cunhado pelo bioeticista Fermin Roland Schramm, que faz uma distinção entre aqueles que estão em situação de vulnerabilidade por estar vivo e aqueles que, devido à condição de desvantagem socioeconômica que vive, têm maior possibilidade de ser ferido, ou seja, encontra-se em condição de vulneração. Tal vulneração é resultado da desigualdade social, iniquidade em saúde, desamparo, etc (SCHRAMM, 2017).



Bioeticista, profissional que trabalha com bioética e ética em pesquisa com seres humanos. Existem diversas discussões relacionadas a ética da vida que estão diretamente ligada a atividade que é realizada nas unidades educacionais. Caso tenha interesse em conhecer mais sobre o campo de Bioética, acesse o site: <https://www.sbbioetica.org.br/Publicacoes> (SBB, 2019).







Para refletir

Desse modo, torna-se importante refletir sobre a reprodução das desigualdades e como esta se apresenta no ambiente escolar, especialmente em se tratando da dimensão espacial, conforme trazido pelo geógrafo baiano, que centrou seus estudos no processo de urbanização em países do Terceiro Mundo, Milton Santos.

A desigualdade espacial é um conceito utilizado, especialmente, por geógrafos, para tratar da diferença relacionada à presença das políticas públicas por meio dos equipamentos públicos, desde os serviços de saúde, educação e assistência social até mobilidade, saneamento básico, áreas de esporte e lazer, entre outras. A forma como as cidades e os espaços públicos são organizados, divididos e disponibilizados podem promover vulnerações. (RODRIGUES, 2007).



Para refletir

O livro “O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos” é uma leitura indicada para aqueles que desejam compreender as reflexões do autor (SANTOS, 2004).

Sobre a relação da educação com territórios de alta vulnerabilidade, assista o vídeo “[Áreas de Vulnerabilidade](#)” (UNIVESP TV, 2012) link: <https://www.youtube.com/watch?v=Yeytx68lKbE&t=7s> .

209



Fique de olho

**A PARTIR DO LOCAL ONDE A SUA ESCOLA ESTÁ LOCALIZADA, IDENTIFIQUE EQUIPAMENTOS PÚBLICOS, CULTURAIS QUE FAVORECEM IGUALDADE SOCIAL PARA OS EDUCANDOS DO BAIRO.**

Nesse sentido, a forma como o território é organizado interfere no desenvolvimento do educando, limita ou potencializa oportunidades educacionais, podendo também ser uma barreira ou estímulo para o processo de aprendizagem e fortalecimento da autonomia. Pode afetar ainda, a valorização das habilidades e capacidades individuais e a construção de um pro-

jeto de vida saudável com expectativa futura. (RODRIGUES, 2007).

Desse modo, é indicado compreender como a desigualdade espacial impacta nas unidades educacionais, atentando para como a escola pode atuar, enquanto fortalecedora dos fatores de proteção e diminuição dos fatores de risco que geram mais vulnerações.





Fatores de risco: Risco “é uma consequência da livre e consciente decisão de se expor a uma situação na qual se busca a realização de um bem ou de um desejo, em cujo percurso se inclui a possibilidade de perda ou ferimento físico, material ou psicológico” (SCHENKER, MINAYO. p. 708, 2005).



Saiba mais

“Na área de saúde, risco é um conceito que envolve conhecimento e experiência acumulada sobre o perigo de alguém ou de a coletividade ser acometida por doenças e agravos” (SCHENKER, MINAYO. p. 708, 2005).

O fortalecimento dos fatores de risco e a diminuição dos fatores de proteção são fundamentais para que crianças e adolescentes tenham habilidades de vida, as quais auxiliam a enfrentar situações cotidianas. Para compreender do que se trata habilidade de vida, leia o artigo e reflita sobre o tema: <http://www.revispsi.uerj.br/v8n3/artigos/pdf/v8n3a09.pdf> (PAIVA, RODRIGUES, 2008).

**E**xistem diversos fatores que podem incitar situações de risco e situações de proteção na vida dos sujeitos. O texto Situações de Risco e Situações de Proteção nas Redes Sociais de Adolescentes, ao tratar da relevância de falar das questões relacionadas aos fatores de risco e de proteção para o uso de drogas, apresenta importantes elementos para o contexto escolar.

210



Saiba mais

Para acessar o texto, acesse o endereço eletrônico <http://www.aberta.senad.gov.br/medias/original/201704/20170424-095112-001.pdf> (SUDBRACK, 2017).

Neste endereço eletrônico, você poderá ter acesso a outros [materiais relacionados a temática de drogas](#).



Para refletir

*Na sua opinião, quais fatores de risco e de proteção existem na região onde a escola em que você atua está, e em que esses condicionantes implicam na vulnerabilidade dos educandos?*

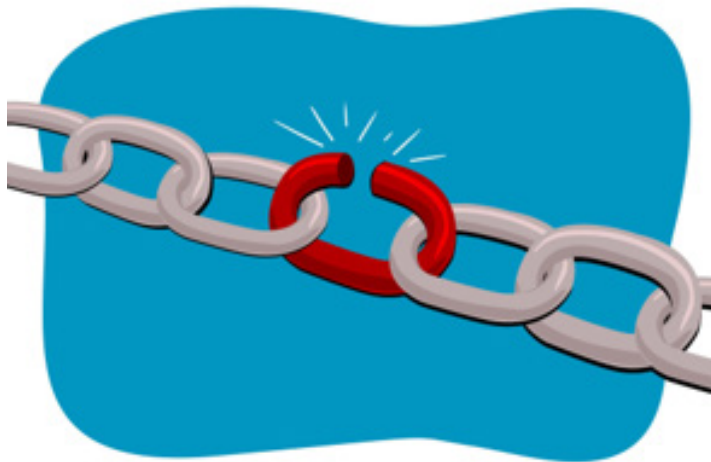
Tente identificar a relação entre esses fatores e os possíveis impactos positivos e negativos no aprendizado dos escolares.

Estudos de Muñoz e Bertolozzi (2004 e 2007), que analisaram a Vulnerabilidade Programática e as questões relacionadas à saúde e educação, constataram que favorecer o acesso ao serviço do sistema único de saúde é importante para a superação de vulnerabilidade de educandos. Para maior compreensão, vamos discutir a seguir o conceito de vulnerabilidade nas suas três dimensões.





### 3. O CONCEITO DE VULNERABILIDADE E AS DIMENSÕES: INDIVIDUAL, SOCIAL E PROGRAMÁTICA





Antes de explicitar os sentidos da vulnerabilidade, é importante adentrarmos no conceito de saúde. Para a Organização Mundial de Saúde (OMS, 1976), “Saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não, simplesmente, a ausência de doenças ou enfermidades”.

A partir dessa definição, percebe-se que o setor saúde sozinho, por si só, não consegue produzir saúde, visto que é preciso envolver outros setores: educação, segurança, transporte, serviço social, cultura e assim por diante. A essa ação integrada entre diferentes setores, dá-se o nome de intersectorialidade. Logo, a importância da atuação intersectorial, múltipla e conjunta reside no fato de que o processo saúde-doença (uma pessoa ter saúde ou adoecer), resulta dos determinantes sociais, econômicos, culturais, étnico/ raciais, psicológicos e comportamentais (MITRE et al. 2012).



Saiba mais

Para compreender mais sobre a intersectorialidade no campo da saúde, acesse o [Módulo IV – Políticas Públicas de Saúde](#).

212

Embora a intersectorialidade seja uma importante estratégia para o adequado desenvolvimento da prevenção e promoção da saúde, na prática ela não ocorre como deveria, uma vez que pesquisa do Canadá, nesta área, estudou as potências e fracassos da Política de Promoção da Saúde no País, sendo

destaques para os desafios enfrentados as ações a serem totalmente centralizadas no setor saúde. (POLLAND, 2007).

Ora, conhecer tais desafios nos ajuda a responder a pergunta: *por que, então, falar de saúde no contexto escolar?*

Nesse sentido, o Programa Saúde na Escola (PSE) foi instituído pelo decreto nº 6.286, de 05 de dezembro de 2007, e constitui-se política intersectorial, que tem como um dos objetivos promover a saúde e a cultura da paz, contribuir na promoção da cidadania e direitos humanos e fortalecer o enfrentamento das vulnerabilidades que possam comprometer o desenvolvimento escolar.

Portanto, para estratégias de empoderamento de adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social, é preciso compreender o conceito de vulnerabilidade. Em vista disso, o referencial adotado neste módulo será o do pesquisador José Ricardo Ayres, arcado à saúde, com possibilidades de extensão a outras áreas.



Saiba mais

Para obter mais informações sobre a rede de proteção, acesse o [Módulo V - Redes de proteção](#).







**P**orém, é importante realçar que, ao identificar as vulnerabilidades individuais ou coletivas, deve-se ponderar que essas não são os únicos determinantes para desfechos negativos, pois precisa-se considerar as subjetividades, isto é, como cada um, ou cada grupo enfrenta suas vulnerabilidades, aspecto que guiou a escolha do referencial teórico de Ayres et al.(2012b).

Dessa forma, o conceito de vulnerabilidade proposto por Ayres et al.(2012b) teve sua construção na década de 90, com a introdução do tema na área da saúde pública, com a obra americana *Aids in the World*, de 1992, lançada no Brasil em 1993 (MANN et al., 1993). Com isso, o conceito de vulnerabilidade possibilitou instituir nova estratégia de enfrentamento à epidemia, pois considera ou-

tros fatores de risco para o diagnóstico da infecção pelo vírus do HIV (Ayres et al. 2009), além de aspectos comportamentais, tendo como propósito a diminuição do estigma e preconceito (TAKAHASHI, 2006; NICHATA et al., 2011). Neste contexto, o conceito de vulnerabilidade pode ser resumido como:

*O movimento de considerar a chance de exposição das pessoas ao adoecimento como resultante de um conjunto de aspectos não apenas individuais, mas também coletivos, contextuais, que acarretam maior ou menor vulnerabilidade à infecção e ao adoecimento e, de modo inseparável, maior ou menor disponibilidade de recursos de todas as ordens para se proteger de ambos (AYRES et al., 2009, p.123).*

**A**ssim, para a compreensão das exposições de indivíduos ou coletividades a dado agravo à saúde, a vulnerabilidade é baseada em três dimensões analíticas articuladas: a individual, a social e a programática (AYRES, 2009).

213

De início, a dimensão individual inclui as características pessoais, tais como idade, sexo, raça/cor (NICHATA et al., 2008), bem como de ordem cognitiva, referente à habilidade em receber a informação na perspectiva de qualidade, quantidade e assim adquirir o conhecimento; e de ordem comportamental, a partir da recepção da informação, ter a iniciativa e a competência de transformá-la em práticas/atitudes que protejam/previnam do problema em questão (AYRES et al., 2009).

Cabe ressaltar que nesta dimensão consideramos o sujeito de direitos, conforme Quadro 1. Desse modo, o indivíduo tem direito de receber a informação de acordo com seu nível de escolaridade. Para isso, articulam-se as demais dimensões, visto que - para essa ação acontecer - precisa-se do acesso à educação (cuja ausência se relaciona com a vulnerabilidade social) e profissionais preparados (vulnerabilidade programática) (PAIVA, 2012).

Já a dimensão social, também, envolve o acesso às informações, mas irá, além disso, considerar o sentido que estas têm nas diversas experiências de vida, nas redes sociais construídas, ou seja, o que leva uma pessoa a conseguir colocar em prática as informações recebidas. Abrange, desta forma, as relações de gênero, raciais e étnicas, de gerações e contempla ainda o acesso ao emprego e ao salário, à educação, à justiça, à cultura e ao lazer, o que possibilita a tomada de decisão ou enfrentamento de diversas situações, como decisões políticas, barreiras culturais, desigualdades, violência de todas as ordens entre outros (NICHATA et al., 2008; AYRES et al., 2009).





Por fim, a terceira dimensão, a programática, conecta os componentes individual e social. Ela envolve a responsabilidade social e jurídica dos serviços, sendo necessário conhecer como as políticas, dos três níveis de governo, e as organizações nas áreas da saúde, educação, serviço social, cultura e justiça potencializam ou não a vulnerabilidade nos diversos contextos de vida (AYRES et al., 2012b).

Como resultado do olhar global do conceito de vulnerabilidade e, ao longo desses anos de inserção do conceito na saúde, mais especificamente no enfrentamento de epidemia da aids, foi construído o quadro de “*vulnerabilidade e di-*

*reitos humanos*”, a partir da contribuição de pesquisadores e instituições relacionadas a esse contexto.

Convém, de forma breve, descrever a história da construção do quadro.

214



Saiba mais

Na época, década de 90, o Brasil passava pelo processo de redemocratização e da Reforma Sanitária (construção do Sistema Único de Saúde-SUS-). Esta reforma tinha o ideal do modelo de atenção integral à saúde ([acesse o Módulo IV – Políticas Públicas de Saúde](#)), influências dos movimentos sociais (especialmente de mulheres e luta antimanicomial) e até mesmo do pensamento de Paulo Freire. Tal cenário facilita entender a magnitude do quadro no Brasil e as particularidades do engajamento com direitos humanos, elaboração de políticas públicas e ações da saúde, especificamente as que fortalecem a integralidade ([ver os princípios do SUS no Módulo IV – Políticas Públicas de Saúde](#)) e consequentemente a prevenção e promoção da saúde (AYRES et al, 2012a).

No quadro “*vulnerabilidade e direitos humanos: dimensões individual, social e programática*” (AYRES et al., 2012b), o corpo e estado de saúde, trajetória pessoal, nível de conhecimento, escolaridade, acesso à informação, as relações humanas, valores, crenças, desejos, atitudes em cena são características da dimensão individual. Já liberdade, relações de gênero, processos de estigmatização, acesso a emprego/salário, saúde integral, educação/prevenção são avaliações da dimensão social. Elaboração de políticas específicas, acesso e equidade, integração entre prevenção, promoção e assistência e preparo/compromisso dos profissionais de saúde são direcionados à dimensão programática.





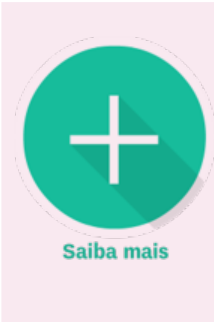
**Quadro 1:** Quadro vulnerabilidade e direitos humanos: dimensões individual, social e programática

INDIVIDUAL	SOCIAL	PROGRAMÁTICA
<p>Reconhecimento da pessoa como sujeito de direito, dinamicamente em suas cenas</p> <p>Corpo e estado de saúde Trajetória pessoal Recursos pessoais Nível de conhecimento Escolaridade Acesso à informação Relações familiares Redes de amizade Relações afetivo-sexuais Relações profissionais Rede de apoio social Subjetividade Intersubjetividade Valores (em conflito?) Crenças (em conflito?) Desejos (em conflito?) Atitudes em cena Gesto em cena Falas em cena Interesses em cena Momento emocional</p>	<p>Análise das relações sociais, dos marcos da organização e da cidadania e cenário cultural</p> <p>Liberdades Mobilização e participação Instituições e poderes Relações de gênero Relações raciais e étnicas Relações entre gerações Processos de estigmatização Proteção ou discriminação sistemática de direitos Acesso a: emprego/salário saúde integral educação/prevenção justiça cultura lazer/esporte mídia/internet</p>	<p>Análise de quanto e como governos respeitam, protegem e promovem o direito à saúde Elaboração de políticas específicas Aceitabilidade Sustentabilidade Articulação multissetorial Governabilidade Organização do setor de saúde e dos serviços com qualidade Acesso à Equidade Integralidade Integração entre prevenção, promoção e assistência Equipes multidisciplinares/enfoques interdisciplinares Preparo tecnocientífico dos profissionais e equipes Compromisso e responsabilidade dos profissionais Participação comunitária na gestão dos serviços Planejamento, supervisão e avaliação dos serviços Responsabilidade social e jurídica dos serviços</p>

AYRES et al, 2012b

Como referido, apoiar a vulnerabilidade na prevenção e promoção da saúde permite projetá-la em outras práticas, por possibilitar a discussão do cuidar na sua essência, de forma ética. Logo, Ayres et al. (2009) ressaltam que pela configuração dinâmica da vulnerabilidade, por ecoar pelos aspectos biológicos, comportamentais, culturais, econômicos e políticos, ela torna-se aplicável a qualquer problema de interesse da saúde pública.

Portanto, no contexto da educação, assimilar o conceito de vulnerabilidade na prática escolar permite o olhar para os adolescentes e jovens de forma integral e não apenas para o desempenho escolar, para o comportamento dentro da sala de aula. Permite, também, identificar o que faz o aluno não tirar boas notas, ser agressivo ou isolado em sala de aula, ter ausências frequentes, entre outras situações. Nesse contexto, o professor também é promotor do cuidado.



Para a integralidade ser efetiva, é preciso estabelecer a intersetorialidade e a rede de proteção (para obter mais informações sobre a rede de proteção, acesso o Módulo V - Redes de proteção), visto que cada setor tem seu alcance dentro da necessidade de cada indivíduo ou coletividade. Assim, realizar construções dos saberes de forma compartilhada, envolvendo todos os profissionais que compõem essa rede, oferecer respostas amplas e proporcionar maior alcance das intervenções, caracteriza-se um grande desafio e de extrema importância.





## 4. COMPREENSÃO DAS VULNERABILIDADES DE ADOLESCENTES E JOVENS

216





Os adolescentes, nessa fase da vida, com diversas transformações biológicas, psicológicas e sociais, em que não são crianças e nem adultos, apresentam características e trajetórias particulares, buscam por autonomia, conhecimento de si e, assim, devem ser reconhecidos como pessoas com necessidades específicas. No Brasil, um país tão plural

em interações entre raças, etnias, costumes e culturas, são diversas as realidades dos adolescentes. Logo, faz-se necessário o desenvolvimento de políticas públicas com engajamento dos setores que são capazes de promover protagonismo e equidade (UNICEF, 2011). Ora, por si só, esse ciclo da vida caracteriza-se como componente da vulnerabilidade individual.

A Unicef (2011) publicou relatório que exprime a vulnerabilidade dos adolescentes no país. A vulnerabilidade é marcada pelas desigualdades sociais, representada pela pobreza, pobreza extrema, baixa escolaridade, exploração (no trabalho e sexual), gravidez na adolescência, infecções sexualmente transmissíveis e abuso de drogas. Essas situações são potencializadas por outros aspectos, como a região onde esse adolescente vive, visto que há diferença entre viver na Amazônia, no sertão ou em grandes centros urbanos; ser do sexo masculino ou feminino; ser branco, negro ou indígena; ser heteroaafetivo, homoafetivo ou “trans”; ser deficiente, entre outras características individuais que podem proporcionar maior ou menor grau de vulnerabilidade.



A PARTIR DAS INFORMAÇÕES DADAS ATÉ O MOMENTO, PROPÕE-SE A SEGUINTE REFLEXÃO: CONSIDERANDO, NESTE MÓDULO, A VULNERABILIDADE DO ADOLESCENTE, ONDE VOCÊ, ENQUANTO PROFESSOR DE UMA ESCOLA PÚBLICA, SE INSERE NO QUADRO “VULNERABILIDADE E DIREITOS HUMANOS: DIMENSÕES INDIVIDUAL, SOCIAL E PROGRAMÁTICA”?

É considerável trazer as contribuições de estudos que assessoram a resposta do questionamento ao lado. Um deles teve como objetivo pesquisar o papel do professor e da escola na formação de cidadãos. Os resultados foram de extrema importância, já que a maioria dos entrevistados reconheceu a responsabilidade deles e da instituição em promover a cidadania para seus alunos, e, além do processo de ensino-aprendizagem, esses educadores se preocupavam com suas próprias atitudes no ambiente escolar, de forma a influenciar os alunos beneficentemente, enquanto cidadãos.







**T**ambém entendiam que a atuação ativa na sociedade, englobando os direitos e os deveres, compõe a definição de cidadania. A partir disso, é importante lembrar que é na escola que os estudantes, crianças e adolescentes, estão a maior parte do tempo, constituindo-se como um espaço social, de valores e crenças, e de construção do raciocínio crítico, segurança e dignidade (BYDLOWSKI et al, 2011).

Em consonância a isso, outra investigação com foco em explorar a percepção de adolescentes e a vulnerabilidade em relação à saúde, em duas escolas públicas de periferia, verificou que os adolescentes apontaram as necessidades do aspecto programático relacionado aos investimentos no setor educacional, pois disseram que para ter acesso a emprego, dinheiro e alimentação precisavam de educação de qualidade e, ainda, se enxergavam como cidadãos de direito, protagonistas e participantes ativos de políticas públicas voltadas à escola e saúde a fim de diminuir suas próprias vulnerabilidades. Os adolescentes também observaram a violência e criminalidade na rotina das famílias, ruas e até mesmo na escola e disseram que esse contexto influencia o uso de drogas nesta fase da vida e que, conseqüentemente, acarreta a prostituição (SILVA et al, 2014).

Em outra pesquisa sobre o tema da vulnerabilidade, que descreveu a experiência com a formação de educadores na utilização de jogos pedagógicos com crianças em situação de vulnerabilidade social e teve como uma das propostas discutir a temática antes e após o curso, foi possível observar que, ao agregar conhecimento sobre o assunto, os professores perceberam a relação estabelecida entre a vulnerabilidade social e a educação. Logo, percebe-se que os profissionais da educação são atores-chave na motivação dos alunos e na superação dos aspectos desta dimensão (GONTIJO et al, 2012), e ainda são promotores da transformação social, enquanto membros de uma rede de apoio (BYDLOWSKI et al., 2011).

218

**E**ntão, retomando à proposição da reflexão, os adolescentes apresentam suas vulnerabilidades individuais e sociais e a escola e todos os profissionais envolvidos na educação integram o componente programático. Ora, cabe às instituições, com ênfase na saúde, educação, serviço social, cultura e justiça atuar na redução das vulnerabilidades destes jovens. Reforça-se que, para essas insti-

tuições atuarem de forma efetiva, é preciso contar com profissionais, no caso educadores, com preparo tecnocientífico, compromisso e responsabilidade em diversos âmbitos, inclusive social. Claro que na ausência de ações protetivas e de promoção à cidadania por parte das instituições, estas podem contribuir para reprodução ou aumento da vulnerabilidade (AYRES et al. 2012b).

Assim, professores, urge pensar em práticas integrais e dialógicas que se atentem aos contextos sociais locais e à dinâmica do processo saúde-doença.

Sendo o PSE um programa com potencial para execução das ações necessárias (REIS et al, 2013)





Como forma complementar desta reflexão e encerramento deste item, recomenda-se que seja assistido o vídeo “Vida Maria” de autoria de Márcio Ramos com o apoio do governo do Estado do Ceará/Secretaria da Cultura no ano de 2006 ([link: https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG\\_htum4](https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_htum4)) (RAMOS,2006).

Perante as cenas visualizadas, os questionamentos são muitos para compreender a vulnerabilidade nas três dimensões. Não obstante, não se pretende o esgotamento deles e tão pouco respondê-los prontamente, mas sim refletir e tentar a busca pela compreensão da temática do presente módulo (PAIVA,2012).

O vídeo nos leva a refletir:

Vulnerabilidade Individual	Vulnerabilidade Social	Vulnerabilidade Programática
Qual a trajetória de vida? Quais os recursos pessoais presentes? A personagem tem sonhos? Qual a percepção da Maria sobre a própria vida? Ela sabe dizer quantos filhos quer ter? Qual a importância dada aos estudos? Como se estabelecem as relações com a família?	Quais as concepções de cidadania presentes no filme? Existe garantia de emprego e moradia digna, possibilidade de transporte/circulação (mobilidade) que viabiliza, por exemplo, o acesso à educação e à saúde? Como se dão as relações entre as gerações das Marias? Será que o marido de Maria teve trajetória de vida semelhante?	Se Maria morasse na cidade teria acesso à Educação? Qual a garantia de direito ao acesso às Políticas Públicas? A escola chega até crianças/adolescentes em situação semelhante à da personagem? O governo/escola reconhece essa situação como uma prioridade de governo?

Independente do cenário dado como exemplo, é possível compreender as situações de vulnerabilidade vivenciadas no dia-a-dia? É possível identificar as diversas Marias presentes no contexto escolar? Já conseguem identificar outras situações além do exemplo demonstrado?

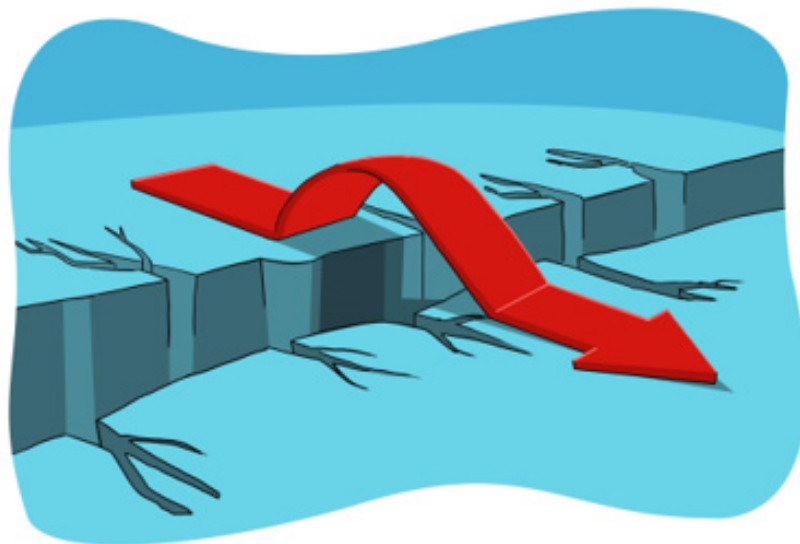
Assim, o próximo tópico dará continuidade às reflexões empreendidas até aqui, com exemplificações das diversas situações de vulnerabilidades de crianças e adolescentes. Além dos exemplos, propõe possíveis ações a serem realizadas pela comunidade escolar e que possam contribuir para seu papel de transformadora social.





## 5. AS DIFERENTES VULNERABILIDADES E POSSÍVEIS AÇÕES QUE PODEM SER REALIZADAS NO CONTEXTO ESCOLAR PARA SEU ENFRENTAMENTO

220





Saiba mais

COMPREENDENDO A VULNERABILIDADE A PARTIR DOS TRÊS EIXOS APRESENTADOS, AVALIE COMO CADA UM DELES ESTÁ PRESENTE NO COTIDIANO DA COMUNIDADE ESCOLAR EM QUE VOCÊ ATUA, CORRELACIONANDO ESSES AO USO DE DROGAS E DAS IST/AIDS.

Não é incomum que as ações nas escolas, voltadas para adolescentes e que são relacionadas à prevenção do uso de drogas, estejam associadas também a comportamentos de risco às IST/aids. Tal preocupação perpassa todas as faixas socioeconômicas, pelo fato de a adolescência ser um período de ajustes de personalidade, descobertas e desejo de independência, o que pode desencadear comportamentos de risco.



Saiba mais

Para ampliar a compreensão sobre vulnerabilidade e uso de drogas assista ao vídeo:

[“Uso de drogas e redução da vulnerabilidade: um novo paradigma?”](#), (NERY, 2019).

Nesse sentido, não é possível desconsiderar que a ausência de mínimos sociais como saúde, educação, assistência social, segurança pública e a existência de relações sociais e familiares frágeis, além da exposição a riscos ambientais inerentes a sua vontade, colocam os educandos em situação de maior vulnerabilidade para o uso prejudicial de drogas e de riscos para às IST/aids, os quais fazem parte do leque de causas para a evasão escolar. Tal temática precisa es-

tar no radar da comunidade escolar, por ser esse um espaço rico para a socialização e fortalecimento de vínculos dos educandos e onde eles passam grande parte do seu tempo. Conforme dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2015, 2,8 milhões de crianças e adolescentes, com idade de 4 a 17 anos, não estavam na escola e 53% dos domicílios eram ocupados por família com renda de  $\frac{1}{2}$  salários mínimos ou menos (PNAD, 2016).

221

Compreende-se, professor, que a formação integral - em que familiares, comunidade e unidade educacional atuam de forma conjunta - potencializa os educandos para a identificação e fortalecimento tanto de habilidades como de fatores de proteção a situações de risco. Do mesmo modo, unidade educacional, comunidade e família são fundamentais para diminuir as vulnerabilidades, bem como favorecer ambiente acolhedor e que possibilite o desenvolvimento de competências para a superação dos obstáculos e problemas do viver em sociedade de forma democrática, cidadã e com promoção de justiça social e equidade.

É possível relacionar as diferentes vulnerabilidades com o processo de evasão escolar, especialmente se elencarmos a ausência de discussões sobre temas, gerando distanciamento entre o que é tratado em sala de aula e a realidade que aquela comunidade escolar vivencia (MUNOZ, BERTOLOZZI, 2004; SILVA, RODRIGUES, 2015). São exemplos de temas afetos ao educando, que são pouco exploradas (ou invisibilizadas) em sala de aula e que são causas de evasão escolar: discriminações raciais, homossexualidade, obesidade, deficiência, gravidez na adolescência, necessidade de contribuir com a renda familiar, reprovação em anos anteriores, entre outros temas.







Alguns temas, como o racial, têm origens históricas e costumam ser menos-prezados ou, simplesmente, ignorados. Assim, não há como negar que as repercussões do processo escravocrata no Brasil deixaram marcas profundas na forma de organização da sociedade brasileira (BENEDITO, 2017). O racismo, legado nefasto desse período, ainda é negado e refutado por muitas pessoas na atualidade (BENEDITO, 2017; EURICO, 2013; RIBEIRO, 2019). Nesse sentido, é fundamental que aqueles que atuam no campo da educação possam se debruçar nesse tema, uma vez que ele repercute tanto na permanência dos educandos negros na escola quanto no seu desempenho escolar.

Assim como o racismo, o campo da Bioética é pouco estudado e aplicado na educação. No entanto, ele oferece elementos que contribuem para refletir tanto sobre a ética da vida, numa conexão com a educação, saúde e redução de vulnerabilidade, bem como na reflexão sobre os impactos das moralidades no processo de aprendizado que faça sentido para o educando. Conforme o Dicionário Latino americano de Bioética (TEALDI, 2008), as diversas esferas da sociedade devem atuar para a busca da igualdade social, por meio de ações protetivas daqueles que não

conseguem sair da condição de vulnerabilidade devido a desvantagens sociais as quais vivenciam.

Conforme Ribeiro (2019), “A vulnerabilidade, no âmbito da Declaração Universal de Bioética e Direitos Humanos (DUBDH), tem como princípio a garantia da dignidade humana e a proteção destes a situações desumanas e degradantes” (RIBEIRO, p. 150, 2019).

O campo da Bioética dispõe da DUBDH, em que no seu Artigo 8º trata da vulnerabilidade humana apontando que “[...] indivíduos e grupos de vulnerabilidade específica devem ser protegidos e a integridade individual de cada um deve ser respeitada.” A DUBDH traz como agenda que:

*Entre outros aspectos, defende a necessidade do reconhecimento da vulnerabilidade humana, do respeito à dignidade das pessoas, da não-discriminação, do respeito pela diversidade cultural e pluralismo, da solidariedade para com os mais frágeis e desassistidos, da cooperação e responsabilidade social no compartilhamento dos benefícios do desenvolvimento científico e tecnológico e na proteção às gerações futuras (GARRAFA, CORDON, p. 395, 2009).*

222

**A partir dos exemplos apresentados das diferentes vulnerabilidades de adolescentes e jovens, é pertinente mencionar algumas ações que a instituição escolar pode desenvolver para contribuir com o enfrentamento das vulnerabilidades:**

- Potencializar os espaços de compartilhamento existentes na escola;
- Realização de reunião periódica com os pais e responsáveis;
- Fomentar espaços para a manifestação do protagonismo dos educandos, a exemplo de grêmios estudantis;
- Estimular espaços de troca e escuta da percepção do educandos para além das questões relacionadas ao contexto estritamente escolar;
- Favorecer momentos regulares em que os professores possam compartilhar vivências;
- Disponibilizar formas de desenvolver educação permanente para os professores e demais membros da escola; e
- Criar espaço de encontro com os atores da rede intersetorial de saúde, educação e assistência social (prioritariamente), de forma permanente, regular e itinerante.







## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS





**B**uscou-se, aqui, apresentar elementos relacionados às vulnerabilidades de crianças e adolescentes, para que professores possam compreendê-las e refletir sobre possíveis estratégias para seu enfrentamento, levando em consideração as peculiaridades da realidade de cada cenário.

As questões relacionadas às vulnerabilidades, historicamente, estiveram focalizadas numa dimensão individual de risco e não intersetorial e transdisciplinar, o que ainda está em processo de transição. Desse modo, professores, a escola, estando em um território, pode ser um elo da rede para a promoção de empoderamento dos educandos, auxiliando para a manutenção destes no ambiente escolar e na redução das vulnerabilidades.

Portanto, professor, é necessário romper com a ausência do debate e discutir os impactos das diversas situações de vulnerabilidade que comprometem a qualidade do processo de ensino-aprendizagem e, frequentemente, a continuidade na escola.

224

O módulo seguinte, **Prevenção à violência no namoro entre jovens**, auxiliará também na identificação e possível elaboração de estratégias de enfrentamento das vulnerabilidades às quais adolescentes e jovens estão mais expostos.

#### LEITURA COMPLEMENTAR



Atenção

Livro adolescência: Juventudes e Participação (Oficina 6)  
[http://www.unfpa.org.br/Arquivos/guia\\_adolescencia.pdf](http://www.unfpa.org.br/Arquivos/guia_adolescencia.pdf)

Livreto do fascículo: <https://www.sintepe.org.br/site/v1/index.php/campanhas/prevencao-nas-escolas/84-prevencao-nas-escolas/4406-fasciculos-adolescentes-e-jovens-para-a-educacao-entre-pares>  
(BRASIL, 2010)





## REFERÊNCIAS

AYRES, J. R. C. M. Organização das ações de atenção à saúde: modelos e práticas. **Saúde Soc.**, v. 18, p 11-23, outubro de 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v18s2/03.pdf>

AYRES, J. R. et al. O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In: CZERESNIA, D.; FREITAS, C. M; organizadores. **Promoção da saúde**: 2a ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009. p. 121-43.

AYRES, J. R.; PAIVA, V.; BUCHALLA, C. M. Direitos Humanos e vulnerabilidade na prevenção e promoção da saúde: Introdução. In: \_\_\_\_ **Vulnerabilidade e direitos humanos**. Curitiba: Juruá, 2012a. p. 9-22.

AYRES, J. R.; PAIVA, V.; FRANÇA JÚNIOR, I. Conceitos e práticas de prevenção: da história natural da doença ao quadro da vulnerabilidade e direitos humanos. In: PAIVA, V.; AYRES, J. R; BUCHALLA, C. M. **Vulnerabilidade e direitos humanos**. Curitiba: Juruá, 2012b. p. 71-94.

BRASIL. Ministério da Saúde. Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007. **Institui o Programa Saúde na Escola - PSE, e dá outras providências**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6286.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6286.htm)

BRASIL. Ministério da Saúde. **Fascículos Adolescentes e Jovens para Educação entre pares**. Brasília, 2010. Disponível em: <https://www.sintepe.org.br/site/v1/index.php/campanhas/prevencao-nas-escolas/84-prevencao-nas-escolas/4406-fasciculos-adolescentes-e-jovens-para-a-educacao-entre-pares>

BENEDITO, D. Do ferro ao aço: Racismo, maus tratos, tortura, descaso! Ofícios da dignidade! In: **Mecanismo Nacional de Prevenção e Combate à Tortura, Relatório Anual 2016-2017**. Brasília, 2016. p. 103-119.

BYDLOWSKI, C. R.; LEFÈVRE, A. M. C.; PEREIRA, I. M. T. B. Promoção da saúde e a formação cidadã: a percepção do professor sobre cidadania. **Ciênc Saúde Coletiva**, v.16, n.3, p.1771-1780, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v16n3/13.pdf>

CENTRO DE ESTUDOS, PESQUISAS, EDUCAÇÃO, CULTURA E EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA (CENPEC). Educação em territórios de alta vulnerabilidade social. 2014. 3min54s, son. Color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fQ7to3ARN9o>>. Acesso em 05 jan. 2019.

EURICO, M. C. A percepção do assistente social acerca do racismo institucional. **Serviço Social & Sociedade**, n.114, p.290-310, 2013.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). **O direito de ser adolescente- Oportunidade para reduzir vulnerabilidades e superar desigualdades. Situação da Adolescência Brasileira 2011**. Brasília, 2011.





GARRAFA, V.; CORDON, J. Determinantes sociais da doença. **Saúde em Debate**, v.33, n.33, p.388-96, 2009.

GONTIJO, D. T.; MARQUES, E.; ALVES, H. C. "Hoje na escola a gente está falando em vulnerabilidade": contribuições da terapia ocupacional no processo de formação continuada de professores. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, v. 20, n. 2, p. 255-266, 2012.

MANN, J.; TARANTOLA, D. J. M.; NETTER, T. W. **A aids no mundo**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; 1993.

MITRE, S. M.; ANDRADE, E. I. G.; COTTA, R. M. M. Avanços e desafios do acolhimento na operacionalização e qualificação do Sistema Único de Saúde na Atenção Primária: um resgate da produção bibliográfica do Brasil. **Ciênc Saúde Coletiva**, v. 17, n. 8, p:2071-85, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v17n8/18.pdf>. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232012000800018>.

MUÑOZ, S. A. I.; BERTOLOZZI, M. R. Conhecimentos e atitudes sobre a tuberculose por estudantes universitários. **Bol Campanha Nacional Contra Tuberculose**, v.12, n.1, p.19-26, 2004.

MUÑOZ, S. A. I.; Bertolozzi, M. R. Pode o conceito de vulnerabilidade apoiar a construção do conhecimento em Saúde Coletiva? **Ciênc Saúde Coletiva**, v.12, n.2, p.319-324, 2007.

226

NERY, A. Uso de drogas e redução da vulnerabilidade: um novo paradigma?. 3min11s, son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NWSIK3iu6rM>>. Acesso em: 4 jan. 2019.

NICHIATA, L. Y. I. et al. O conceito de "vulnerabilidade" pela enfermagem. **Rev Latino-Am Enfermagem.**, v.16, p.1326-30, 2008.

NICHIATA, L. Y. I. et al. Potencialidade do conceito de vulnerabilidade para a compreensão das doenças transmissíveis. **Rev Esc Enferm.**, v.45, p.1769-7320, 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v45nspe2/en\\_23.pdf](http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v45nspe2/en_23.pdf). <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342011000800023>

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD (OMS). **Documentos básicos**. 26.ed. Ginebra: OMS, 1976.

PAIVA, F. S.; RODRIGUES, M. C. Habilidades de vida: uma estratégia preventiva ao consumo de substâncias psicoativas no contexto educativo. **Estud. pesqui. psicol.**, v. 8, n. 3, p. 672-684, 2008.

PAIVA V. Cenas da vida cotidiana: Metodologia para compreender e reduzir a vulnerabilidade na prepectiva dos direitos humanos. In: Paiva V, Ayres JR, Buchalla CM. **Vulnerabilidade e direitos humanos**. Curitiba: Juruá; 2012. p. 165-208

PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS (PNAD). **Pesquisa nacional por amostra de domicílios: síntese de indicadores 2015** / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. - Rio de Janeiro :IBGE, 2016.





POLLAND, B. Health promotion in Canada: perspectives and future prospects. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 20, n. 1, p. 3-11, abril de 2007.

RAMOS, M. Vida Maria. 2006. 8min35s, son., color. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG\\_htum4](https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_htum4)>. Acesso em: 14 nov. 2018.

REIS, D. C. et al. Vulnerabilidades à saúde na adolescência: condições socioeconômicas, redes sociais, drogas e violência. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v.21, n.2, março de 2013. Disponível em: [http://www.scielo.br/pdf/rlae/v21n2/pt\\_0104-1169-rlae-21-02-0586.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rlae/v21n2/pt_0104-1169-rlae-21-02-0586.pdf). <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692013000200016>.

RIBEIRO, A. L. **Usuário de drogas em situação de rua numa perspectiva interseccional de raça, classe e gênero: análise bioética da (não) responsividade do sistema de saúde**. 2019 [Tese de doutorado]. Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

RODRIGUES, A. M. Desigualdades socioespaciais – a luta pelo direito à cidade. **Cidades**, v. 4, n. 6, p. 73-88, 2007.

SANTOS, M. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**, 2. ed. São Paulo: Edusp, 2008. 440 p.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE BIOÉTICA (SBB). . Distrito Federal: SBB, 2019.

SCHRAMM, F. R. A bioética de proteção: uma ferramenta para a avaliação das práticas sanitárias? **Ciênc Saúde Coletiva**, v.22, n.5, p.1531-1538, 2017.

SCHENKER, M; MINAYO, M. C. S. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. **Ciênc Saúde Coletiva**. 10 (3):707-717, 2005.

SILVA, A. G.; RODRIGUES, T. C. L.; GOMES, K. V. Adolescência, vulnerabilidade e uso abusivo de drogas: a redução de danos como estratégia de prevenção. **Rev. psicol. polít.**, v. 15, n. 33, p. 335-354, 2015.

SILVA, M. A. I. et al. Vulnerabilidade na saúde do adolescente: questões contemporâneas. **Ciênc Saúde Coletiva**, v. 19, n.2, p. 619-627, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v19n2/1413-8123-csc-19-02-00619.pdf>. DOI: 10.1590/1413-8123

SUDBRACK, M. F. O.; ALMEIDA, M. M. ABERTA. PORTAL DE FORMAÇÃO A DISTÂNCIA. **Si-**. 2017.

Disponível em:

<http://www.aberta.senad.gov.br/medias/original/201704/20170424-095112-001.pdf>

TAKAHASHI, R. F. **Marcadores de vulnerabilidade a infecção, adoecimento e morte por HIV e aids**. 2006 [tese livre docência]. Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem, São Paulo, 2006.

TEALDI, J. C. **Diccionario latinoamericano de bioética**. Bogotá: UNESCO - Red Latinoamericana y del Caribe de Bioética, Universidad Nacional de Colombia; 2008. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0016/001618/161848s.pdf>

UNIVESP TV. Áreas de Vulnerabilidade. 2012. 13min58s, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Yeytx68lKbE&t=7s> . Acesso em: 4 jan. 2019.







## AVALIAÇÃO TEÓRICA DO MÓDULO

1) A partir do conteúdo do presente módulo, coloque verdadeiro ou falso e depois assinale a alternativa correspondente à sequência:

- ( ) A escola tem o papel de minimizar a vulnerabilidade programática.
- ( ) Os professores são agentes promotores da transformação social, uma vez que são membros de uma rede de apoio.
- ( ) Os professores, como membros integrantes da escola, devem ter compromisso e responsabilidade perante as situações que causam maior vulnerabilidade social, a fim de formular estratégias que reduzam as condições de vulnerabilidades dos adolescentes.
- ( ) Não cabe aos professores e instituição escolar se envolver com ações que competem à saúde, ao serviço social, à cultura e ao transporte, pois cada setor tem suas atribuições bem definidas.

- a) V-V-V-V
- b) V-F-V-V
- c) V-F-F-V
- d) F-V-V-F
- e) F- F- F- F

2) Indique três possibilidades de intervenção que uma unidade escolar pode realizar para potencializar fatores protetivos de crianças e adolescentes:

- a) Restringir o tempo de intervalo entre as aulas relacionadas à realidade daquele grupo educacional.
- b) Fomentar a criação de grêmios e fóruns de discussões sobre temáticas.
- c) Instalar câmeras de filmagem nos espaços coletivos da escola.
- d) Indicar um aluno para ser o inspetor de cada sala de aula.
- e) Nenhuma das anteriores.

As situações a seguir permeiam a maioria da realidade das escolas públicas. A partir da leitura do conteúdo teórico, do conhecimento obtido nos demais módulos e através de experiências práticas, respondam as questões a seguir:

3) A partir dos fatores de risco e proteção, assinale as alternativas abaixo como verdadeira ou falsa:

- ( ) A escola pode ser um espaço protetivo para as vulnerabilidades.
- ( ) A escola é o local onde os alunos são protegidos das vulnerabilidades, pois lá são corrigidos dos seus erros.
- ( ) Desigualdade social, pobreza e racismo não interferem nos fatores de risco e proteção dos educandos na relação com a escola.





- ( ) A desigualdade espacial, que se dá pela forma de organização da cidade, interfere no desenvolvimento do educando.
- a) V-V-V-V
  - b) V-F-V-V
  - c) V-F-F-V
  - d) F-V-V-F
  - e) F- F- F- F

Jaqueline 15 anos, está no sexto ano do ensino fundamental, é a quinta filha de seus pais, moradora de um bairro com grande influência do tráfico de drogas, descobriu que está grávida há uma semana. Ela é a décima gestante da Escola "Pitangueiras", de janeiro até o mês de maio de 2018. Das dez meninas, apenas duas desejaram a gravidez, Jaqueline não almejava estar gestante. O possível pai do bebê de Jaqueline está privado de liberdade e, segundo as conversas nos corredores da escola, antes de ir preso, estava realizando tratamento para sífilis. Jaqueline ainda não iniciou o pré-natal, sua mãe e seu pai, raramente, aparecem na reunião de pais, ela perdeu quatro anos de ensino escolar, pois morava na área rural da cidade e, por falta de transporte, não frequentava a escola. Está há um ano nessa escola e, geralmente, está sozinha no intervalo.

A partir do caso acima, responda as duas questões a seguir, contendo apenas uma alternativa correta:

- 4) Quais as vulnerabilidades de Jaqueline referentes à situação relatada?
- a) Apenas a vulnerabilidade individual está presente, sendo composta pela idade, ser adolescente, não ter o desejo de estar grávida e não ter iniciado o pré-natal.
  - b) A vulnerabilidade individual, sendo composta pela idade, ser adolescente, não querer estar grávida e não ter iniciado o pré-natal e a vulnerabilidade social, fato representado pelo lugar que mora atualmente.
  - c) As vulnerabilidades observadas encontram-se apenas no âmbito da dimensão individual: ser adolescente, oportunidade de acesso à informação prejudicada e possibilidade de relação familiar incipiente.
  - d) Apenas a vulnerabilidade social está presente, caracterizada pela falta de oportunidade de acesso à escola no passado, pois se tivesse tido acesso de forma adequada, provavelmente não estaria grávida sem desejar.
  - e) Estão presentes a vulnerabilidade individual referente à idade, ser mulher, relações familiares e de amizade fragilizadas, acesso à informação prejudicada ou falta de percepção de risco a gravidez e às IST e a vulnerabilidade social relacionada ao acesso à educação prejudicado no passado, acesso à saúde, contexto social da moradia.
- 5) Quais as possíveis ações que a escola pode desenvolver nesse caso?
- a) Visto que apenas a vulnerabilidade individual está presente, a escola deve manter suas ações de forma regular.
  - b) Perante a situação do número de adolescentes grávidas, a escola deve promover palestras de prevenção da gravidez na adolescência e de IST.





- c) Os profissionais da escola devem acolher Jaqueline, entender por que ainda não procurou a unidade de saúde para realizar o pré-natal e mostrar a importância deste para a saúde dela e do bebê. Disponibilizar apoio, incentivar a manter os estudos mesmo após o bebê nascer.
- d) A escola deve, em parceria com a unidade de saúde do seu território, iniciar o planejamento das ações do Projeto Saúde na Escola, sendo um dos temas primordiais a gravidez na adolescência e a prevenção das IST, além de promover a parceria com outros setores para contribuições nas ações realizadas, relacionadas a este e demais temas levantados (exemplo: ver se existem adolescentes da área de abrangência da escola, sem transporte para frequentar as aulas), sendo uma ação contínua e intersetorial.
- e) Os profissionais da escola devem entender o motivo pelo qual os pais não estão indo nas reuniões e chamar para um momento individual e, assim, responsabilizá-los pela gravidez de Jaqueline e cobrar que a levem à unidade de saúde para iniciar o pré-natal.





## ATIVIDADE

# PARA O FÓRUM

**CASO 01:** Fernanda é uma moça negra de 12 anos que mora com sua mãe, seu padrasto, seus dois irmãos mais novos e sua irmã mais velha num bairro periférico de Brasília. A renda familiar bruta mensal é de dois salários mínimos e meio, renda esta vinda do trabalho de auxiliar de pedreiro de seu padrasto e de diarista de sua mãe. O casal é bastante religioso, porém, a violência doméstica por parte do padrasto é constante e com todos os membros da família.

A rotina de Fernanda começa às 5h20 quando deve se levantar junto de sua mãe e sua irmã mais velha para preparar o café de seu padrasto e irmãos, logo após, vai para a escola onde suas aulas começam às 7h20 e terminam às 11h50. Para ir à escola ela pega duas conduções e é comum chegar atrasada por ter havido algum conflito com o tráfego do local onde vive ou porque o ônibus quebrou.

Na escola, oscila entre uma aluna participativa e que tira notas dentro da média e aquela que, por chegar atrasada, é impedida de assistir a algumas aulas. Nesse último caso, opta por ficar com os colegas mais velhos.

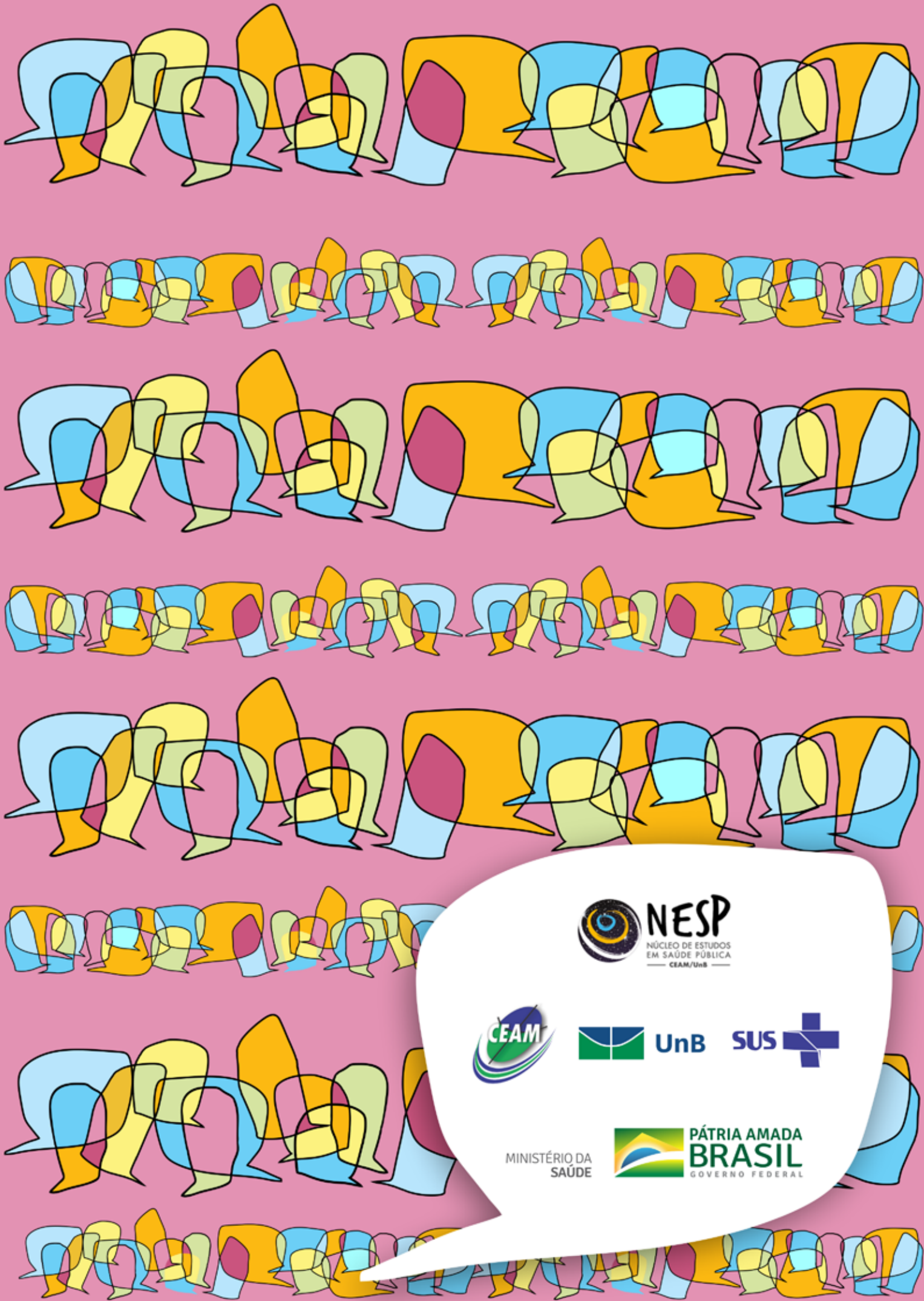
Após as aulas, Fernanda almoça a marmita feita pela mãe e, posteriormente, dirige-se a um Centro de Convivência que fica próximo da escola onde estuda. Lá ela faz aulas de dança e passa a tarde realizando atividades culturais diversas com seus amigos, chegando em casa por volta das 17h40, mesmo horário que sua mãe e seu padrasto.

231

Recentemente, Fernanda assumiu sua homossexualidade para a família, que reagiu extremamente mal a essa informação, principalmente seu padrasto. Esse, já havia cometido abuso sexual contra a Fernanda com a justificativa de “corrigir” sua orientação sexual, ato este desconhecido pela mãe e relatado por Fernanda a uma de suas amigas.

- 6) A partir do caso acima, elenque três fatores de risco para a permanência e desempenho de Fernanda na escola.
- 7) Quais elementos do caso de Fernanda você identifica no seu fazer profissional e como lidou (ou auxiliou) com a situação?





MINISTÉRIO DA SAÚDE





# **SOBRE OS AUTORES**

## **RACKYNELLY ALVES SARMENTO SOARES**

Docente do IFPB. Doutora em Modelos de Decisão e Saúde (UFPB), Mestre em Modelos de Decisão e Saúde (2012). Possui graduação em Tecnologia em Geoprocessamento pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (2008). Atua como pesquisadora do Núcleo de Estudos em Saúde Pública (UnB) na avaliação de políticas de iniquidades e na análise de situação de saúde. Membro da equipe editorial da *Tempus Actas de Saúde Coletiva*. Atualmente, colabora na Universidade Federal da Paraíba, no Núcleo de Estudo em Saúde Coletiva como docente. Integrante do grupo de pesquisa do Observatório da Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta. Tem interesse em modelos de decisão como árvores de classificação, em sistemas de informações em saúde, em Sistemas de Informações Geográficas, em Bancos de Dados Geográficos, em geoprocessamento aplicado à saúde, em big data. Desenvolve estudos epidemiológicos. Membro do grupo de pesquisa “Ensino: teorias e práticas na educação básica”, sediado no IFPB - Campus Sousa.

## **ANDRÉ RIBEIRO DA SILVA**

Doutor e Mestre em Ciências da Saúde, Especialista em Atividade Física para Grupo Especial e Gestão Pública, Graduado em Educação Física e Pedagogia. Professor de curso de especialização na Universidade de Brasília, Instituto de Cardiologia do Distrito Federal e Instituto Tratos, graduação em multidisciplinar na Universidade de Brasília e graduação em Educação Física, Enfermagem e Psicologia na Faculdade Linear. É pesquisador na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Universidade de Brasília. Consultor Ad hoc da Fundação de Apoio a Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF) e da Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos (Finatec). Consultor Ad hoc de periódicos científicos nacionais e internacionais. É membro do Conselho Editorial da Editora Atena. É membro de Comissão de Publicação da Revista do Centro de Estudos Avançados e Multidisciplinares da Universidade de Brasília. É membro do Colégio Europeu de Ciências do Esporte. Tem experiência como coordenador e revisor pedagógico de cursos e disciplinas na modalidade a distância, pela Universidade de Brasília, Centro de Educação a Distância, Fundação Oswaldo Cruz e Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos. Tem experiência na área de TICs, Educação, Educação Física e Saúde Coletiva.

## MARIA FATIMA DE SOUSA

Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal da Paraíba, com pós doutorado pelo Centre de Recherche sur la Communication et la Santé (ComSanté), da Université du Québec à Montréal (UQAM). Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade de Brasília (UnB), mestre em Ciências Sociais pela UFPB, especialista em Saúde Coletiva e graduada em Enfermagem pela UFPB. Professora Associada do Departamento de Saúde Coletiva, da Faculdade de Ciências da Saúde da UnB, de onde foi diretora da Faculdade de Ciências da Saúde (2014-2018). Implantou e foi a primeira coordenadora do Mestrado Profissionalizante do Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva e ex-coordenadora do Núcleo de Estudos em Saúde Pública (NESP), da UnB, e lá implantou a Unidade de Estudos e Pesquisas em Saúde da Família (UEPSF). Ex-vice-presidente da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO). Foi gerente nacional do Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS) e assessora no Programa Saúde da Família (PSF), junto ao Ministério da Saúde (1994-2001). Atuou como consultora nas Secretarias Municipais de Saúde e do Verde e Meio Ambiente, ambas em São Paulo. Tem experiência no campo da Saúde Coletiva, com ênfase em políticas públicas de saúde, modelos de atenção à saúde e gestão de sistemas locais de saúde.

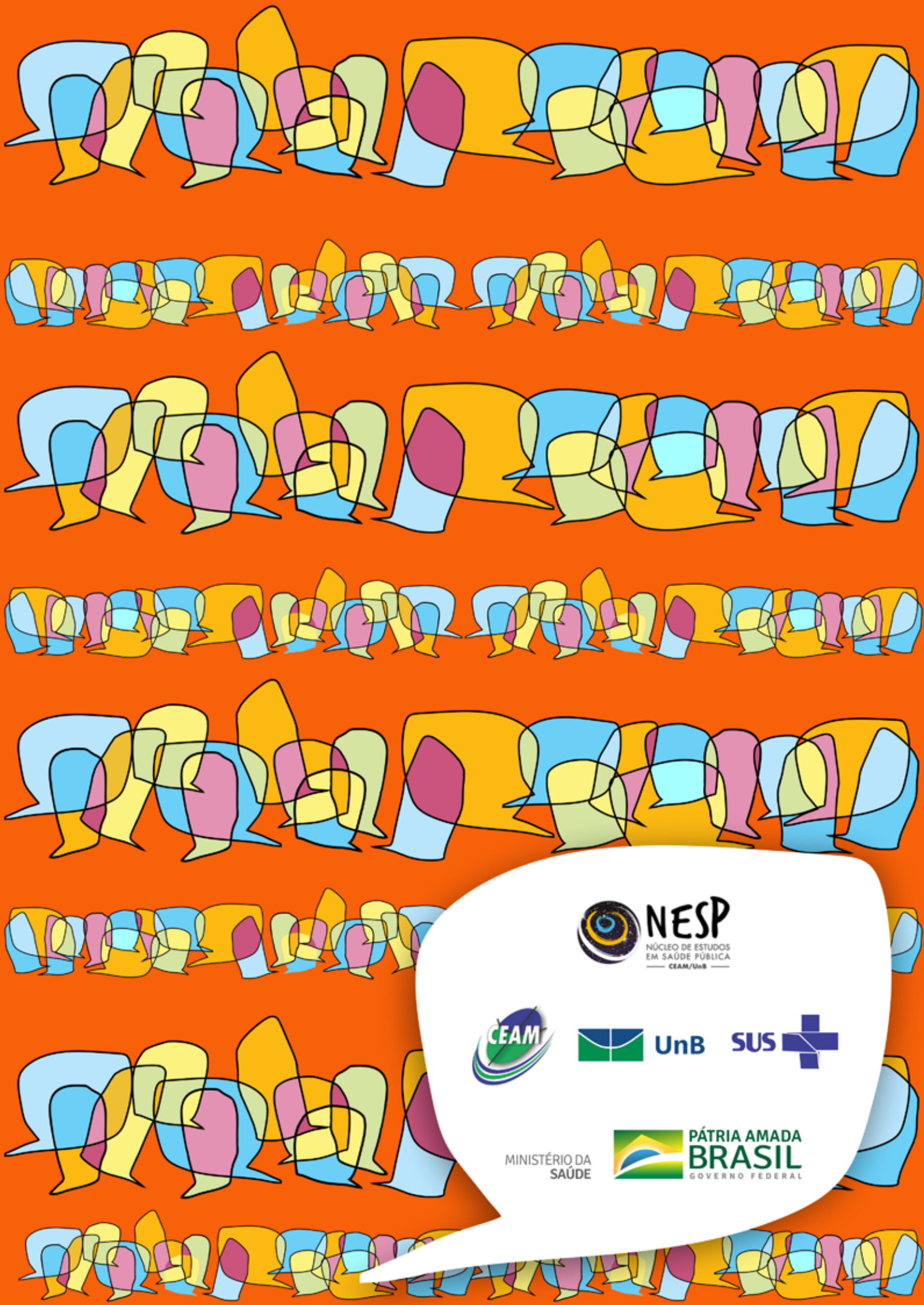
## JITONE LEÔNIDAS SOARES

Doutorando em Ciências da Saúde (UnB), Mestre (UnB) e Licenciado em Educação Física pela Universidade de Brasília (UnB); Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão de Educação a Distância (UFF); Especialista em Inovação em Mídias Interativas (UFG) e Especialista em Gestão Pública (UFG). Especialista em Educação Aberta e Digital pela Universidade Aberta de Portugal (UAberta) e Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Professor orientador e Membro do Comitê Gestor do curso de Especialização em Saúde da Família do programa de Pós Graduação da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília. Atuou como Professor substituto dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física da Universidade de Brasília (FEF-UnB). Experiência docente enquanto professor do curso de Licenciatura, Bacharelado em Educação Física e no Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso de Licenciatura em Educação Física modalidade a distância em faculdade particular do Distrito Federal. É Professor do Magistério Superior Voluntário no Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares - CEAM / Núcleo de Estudos em Educação e Promoção da Saúde. Tem experiência em Educação a Distância no terceiro setor, público e privado. Participou da implementação e gestão dos cursos pioneiros em Educação Física a distância da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília (FEF-EaD-UnB). Atuou como gerente e coordenador de produção de cursos online no Centro de Educação a Distância da Universidade de Brasília CEAD-UnB, Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília / Universidade Aberta do SUS e Fundação para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico em Saúde - (FIOTEC). Tem 12 anos de experiência em planejamento, implementação e gestão de projetos de EaD na graduação, pós graduação e extensão na UnB, UniR e UniFAP. Participou da idealização dos cursos online do programa de voluntariado do Governo Federal para a copa do mundo da FIFA Brasil 2014 para o Ministério do Esporte. Atuou em projetos para o Ministério da Educação - Programa Pró Licenciatura,

UAB - Universidade Aberta do Brasil, Conselhos Escolares e INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Ministério da Justiça, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Ministério da Saúde, Ministério do Trabalho e Emprego, Coordenadoria de Capacitação e Educação - PROCAP-UnB, Agência Nacional de Vigilância Sanitária - ANVISA entre outras instituições. Criou a Escola Virtual da Associação Nacional dos Auditores da Receita Federal (EV-ANFIP). Tem interesse por: Educação a Distância, Inteligência Artificial, Chatbot, Bigdata, Educação Física, Exercícios Físicos, Lazer e Qualidade de Vida, AVC - Acidente Vascular Cerebral - E-mail: jitone@unb.br

## **ANA VALÉRIA MACHADO MENDONÇA**

Professora Associada do Departamento de Saúde Coletiva, da Universidade de Brasília (UnB). Pós doutora em Comunicação em Saúde, pelo Centre de Recherche sur la Communication et la Santé (ComSanté), da Université du Québec à Montréal (UQAM). Possui doutorado em Ciência da Informação pela UnB, mestrado em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, especialização em Administração da Comunicação Empresarial e graduação em Jornalismo e Relações Públicas. Atualmente é coordenadora do Mestrado Profissional em Saúde Coletiva e do Núcleo de Estudos em Saúde Pública da UnB (NESP/CEAM/UnB). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Informação em Comunicação em Saúde Coletiva (CNPq-Brasil). Coordenou o Centro de Tecnologias Educacionais Interativas em Saúde, da Faculdade de Ciências da Saúde (CENTEIAS/FS). Foi consultora em projetos de inclusão digital para o Ministério das Comunicações. Tem experiência nas áreas das Ciências da Informação e da Comunicação com ênfase em Comunicação da Informação, atuando principalmente nos seguintes temas: informação e comunicação em saúde, tecnologias da informação e comunicação em saúde, inclusão digital, alfabetização em informação e em comunicação, redes e mídias sociais e ensino a distância.



MINISTÉRIO DA SAÚDE

